

**INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
CAMPUS OURO PRETO**

WALLESKA PORTELA WERNECK TAVARES

**A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA DO NORTE DE PORTUGAL NA
CASA DE CÂMARA E CADEIA DE MARIANA-MG**

OURO PRETO

2019

WALLESKA PORTELA WERNECK TAVARES

**A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA DO NORTE DE PORTUGAL NA
CASA DE CÂMARA E CADEIA DE MARIANA-MG**

Monografia apresentada à Diretoria de Graduação,
do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro
Preto como requisito parcial para obtenção do título
de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Orientador: Alex Fernandes Bohrer

OURO PRETO

2019

WALLESKA PORTELA WERNECK TAVARES

**A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA DO NORTE DE PORTUGAL NA
CASA DE CÂMARA E CADEIA DE MARIANA-MG**

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Aprovada em 19 de agosto 2019 por:

Prof. Alex Fernandes Boher
IFMG – Campus Ouro Preto

Prof. Ana Paula de Moraes
IFMG – Campus Ouro Preto

Aziz José de Oliveira Pedrosa
UEMG – Belo Horizonte

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sempre presente em minha vida, iluminando o meu caminho.

Aos meus pais, especialmente minha mãe que sempre lutou para que tudo fosse possível.

Ao meu esposo Gerson e ao meu filho Arthur que entenderam as ausências e sempre estiveram ao meu lado, colaborando durante toda essa trajetória. A minha irmã Paula, sempre incentivadora. As amigas e companheiras de trajetória, na alegria e nas dificuldades, Diana e Cássia, sempre dispostas a ajudar.

Aos professores que repassaram todo o seu conhecimento com competência e ao professor e orientador Alex, que sempre com atenção, norteou os caminhos para a conclusão deste.

RESUMO

O objeto deste estudo é a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana-MG. Trata-se de uma construção urbana, em área nobre da cidade, setecentista, que hoje, ainda é utilizada como Câmara Municipal, sede do legislativo. Os cômodos destinados à antiga cadeia hoje são utilizados para outros fins como atendimento à população, por exemplo. O prédio construído na segunda metade do século XVIII, projetado por portugueses, carrega em sua estrutura, características do paço municipal, comuns em Portugal como torre sineira e espaço frontal para o informe da população sobre as decisões da casa. O intuito deste estudo é analisar as características presentes no prédio da Câmara de Mariana, herdadas da região norte de Portugal, mais precisamente da região de Braga. Para a realização do mesmo, foram utilizadas fontes bibliográficas, imagens, teses e observações a fim de se conhecer desde o local para a implantação da construção, a história da cidade de Mariana até a comparação com construções de Braga que é o objetivo principal desse estudo. Chegamos à conclusão que estamos diante de uma construção com reconhecido valor histórico, artístico, social e cultural e que a análise da mesma, além de demonstrar influências de uma região específica do país que nos colonizou e de onde vieram inúmeros profissionais aqui trabalhar, cada vez que se estuda a Câmara municipal de Mariana, chama-se atenção para a sua importância e para a necessidade de preservação desse bem.

Palavras-chave: Casa de Câmara, Braga, Portugal, arquitetura

ABSTRACT

The object of this study is the House of Chamber and Jail from Mariana-MG. This is an urban construction in the city, noble 18th century area, which today is still used as the Town Hall, the seat of the legislature. The rooms intended for the old jail today are used for other purposes such as the population, for example. The building built in the second half of the 18th century, designed by Portuguese, loads in your structure, characteristics of the municipal steel common in Portugal as Bell Tower and front space to inform the population about the decisions of the House. The aim of this study is to analyze the features present in the building of the Chamber from Mariana, inherited from the northern region of Portugal, more precisely in the region of Braga. To achieve the same bibliographic sources were used, pictures, theses and observations in order to meet since the deployment of the construction site, the history of Mariana city until the comparison with constructions from Braga which is the main objective of this study. We have come to the conclusion that we are facing a construction with recognised value historical, artistic, and cultural and social analysis, in addition to demonstrating influences from a specific region of the country that colonized us and where they came from numerous professionals here to work, every time Mariana city, is called your attention to the importance and the need for preservation of this right.

Keywords: House of Chamber, Braga, Portugal, architecture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Câmara Municipal de Mariana.....	7
Figura 2: Mapa da cidade.	8
Figura 3: Praça Minas Gerais, Mariana (MG).....	8
Figura 4: Planejamento de Alpoim para a cidade de Mariana.....	13
Figura 5: Fachada da igreja de São Francisco. Mariana - MG.....	15
Figura 6: Fachada da casa onde viveu José Pereira Arouca em Mariana.....	16
Figura 7: Fachada do sobrado do Barão do Pontal que Arouca trabalhou na construção.	17
Figura 8: Fachada da Casa Capitular de Mariana, trabalho de Arouca.	18
Figura 9: Muro de arrimo.	20
Figura 10: Detalhe da portada e da torre sineira com o relógio e o brasão do império, Câmara Municipal de Mariana.....	20
Figura 11: Sacada com balcão em pedra e parapeito em ferro da Câmara Municipal de Mariana.....	21
Figura 12: Janela frontal do piso inferior com grade de ferro.	22
Figura 13: Porta da entrada inferior da Câmara Municipal de Mariana.....	23
Figura 14: Fachada posterior com as chaminés (Câmara Municipal de Mariana).....	23
Figura 15: Detalhe do forro de madeira do andar superior.....	24
Figura 16: Janelas laterais do plenário da Câmara Municipal de Mariana.....	25
Figura 17: Fonte e tanque da Câmara Municipal de Mariana.	26
Figura 18: Escadaria, porta e portada da Câmara Municipal de Mariana - MG.....	26
Figura 19: Detalhe do acabamento em cantaria da escadaria da Câmara de Mariana.....	27
Figura 20: Passo e antigo armazém da Câmara Municipal de Mariana-MG.....	27
Figura 21: Brasão da Câmara de Mariana.	28
Figura 22: Imagem Santuário do Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas-MG.....	32
Figura 23: Foto da gravura da igreja do Bom Jesus do Monte existente no Museu de Congonhas-MG.	33
Figura 24: Fachada da Igreja de Santo Antônio (escadaria), Tiradentes-MG.....	34
Figura 25: Detalhe da escadaria da igreja de São Francisco de Assis, São João Del Rei.	34
Figura 26: Localização da cidade de Braga, Portugal.	35
Figura 27: Ruína de terma romana em Braga – Portugal.	36
Figura 28: Escadaria do Bom Jesus de Braga.	36
Figura 29: Escadaria da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana.	37
Figura 30: Paço Municipal de Braga.	38
Figura 31: Paço Arquiepiscopal de Braga.	39
Figura 32: Detalhe da escadaria do Paço Arquiepiscopal de Braga.	39
Figura 33: Museu dos Biscainhos.....	40
Figura 34: Portada da reitoria da Universidade do Minho.	40
Figura 35: Portada da Universidade do Minho.....	41
Figura 36: Portada da Casa de Câmara e Cadeia.....	41
Figura 37: Fachada do Palácio dos Raios.....	42
Figura 38: Casa Grande ou Casa dos Cunha Reis	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

DPHAN – Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

IPHAN – Instituto Patrimonial Histórico e Artístico Nacional.

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

MG – Minas Gerais

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO:.....	7
2. Histórico da cidade de Mariana-MG	9
3. A Câmara Municipal de Mariana	11
3.1 A história da Câmara de Mariana	11
3.2. Os construtores da Câmara de Mariana	14
3.2.1. José Pereira dos Santos/José Pereira Arouca.....	15
José Pereira dos Santos	15
José Pereira Arouca	16
3.3. Descrição Tipológica da Câmara.....	18
4.1 História da migração Minho - Minas.....	29
4.2 Principais Influências da Arquitetura Bracarense em Minas.....	31
5. As influências da arquitetura de Braga no prédio da Câmara Municipal de Mariana- MG .	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO:

No contexto histórico do Brasil colonial, o poder nos municípios brasileiros não estava concentrado nas mãos de uma única pessoa, como acontece atualmente com a existência da figura do prefeito. A administração municipal cabia a uma instituição, às câmaras municipais, que em última instância eram supervisionadas pela coroa.

As câmaras eram o local do poder colonial, dentre outras funções, cabia a elas: fiscalizar a transmissão das heranças; aplicar a lei e efetuar prisões; administrar o espaço urbano e a área rural; cobrar impostos (VENÂNCIO, 1998, p. 139).

As câmaras (FIG. 1) eram formadas por vereadores originários da classe dos ricos senhores coloniais, denominados de homens-bons.



Figura 1: Câmara Municipal de Mariana.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

Nos primórdios do século XVIII, em 1711, quando Mariana ascendeu ao posto de vila, passou também a contar com a estrutura administrativa de uma câmara. Mas foi apenas em meados do referido século, em 1768, que a já cidade, após receber ordens de D. João V para ser projetada (FIG.2) pelo engenheiro militar Alpoim, recebeu o atual prédio da Casa de Câmara e Cadeia que é o objeto de estudo desse trabalho.

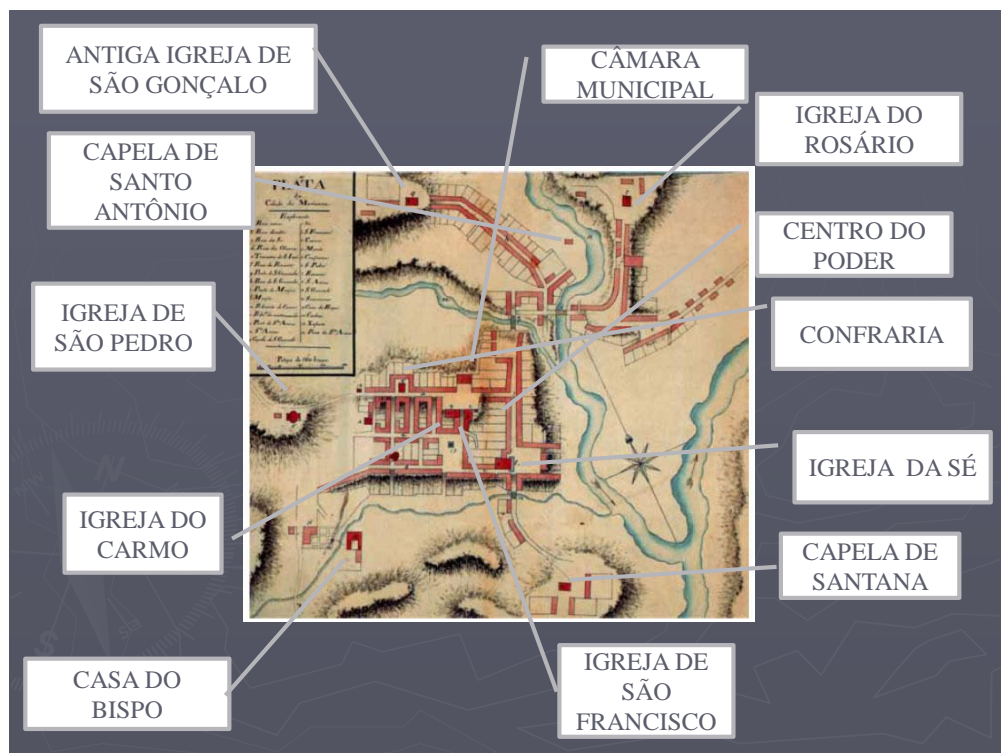


Figura 2: Mapa da cidade.
 Fonte: Walleska Werneck, 2018.

Trata-se de um prédio imponente, localizado em um local de destaque do centro histórico da cidade, representativo do poder da época, pois, na atual Praça Minas Gerais (FIG. 3), além da Câmara, estão localizados templos religiosos formando assim a representação do poder no século XVIII, o poder político e o poder religioso.



Figura 3: Praça Minas Gerais, Mariana (MG).
 Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br/escola/estudodomeio/minasgerais2016/2016/10/30/praca-minas-gerais-do-passado-ao-presente/> (acesso em 28 jul. 2019).

O prédio da Câmara Municipal de Mariana possui considerável relevância histórica, cultural, social e principalmente arquitetônica para o Estado. E assim como o Santuário de Bom Jesus de Matozinhos, localizado na cidade de Congonhas do Campo,

também em Minas Gerais, recebeu fortes influências arquitetônicas da região Norte de Portugal e são justamente essas características de arquitetura bracarense, o objeto de estudo dessa monografia cujo objetivo principal é fazer uma análise das já referidas influências na dita construção.

Em se tratando de um prédio de inefável valor histórico e arquitetônico, a Câmara de Mariana, ainda foi palco de importantes decisões cânones para outras regiões do país.

Neste momento de universal preocupação com a natureza e harmonização da vida social encontramos aquela que poderia ser considerada uma primeira lei ecológica e disciplinadora do convívio urbano e do desenvolvimento. Pelo acórdão do Senado da Câmara, de cinco de novembro de 1795, foram estabelecidas normas de estética urbana, do uso do solo e de preservação do patrimônio cultural. Havia no acórdão do Senado, a preocupação em manter a “formosura da terra” ou a “formosura da vila”, visando qualificar a vida. Era uma decisão baseada num ideal de urbanismo programado (CAMÊLO, 2016, p. 36).

2. Histórico da cidade de Mariana-MG

No início da colonização do novo mundo e animados com as notícias da descoberta de grandes jazidas de ouro e prata pela Espanha, os portugueses sempre desejaram ter a mesma sorte, por isso, incentivaram desbravadores que se lançavam em uma aventura desconhecida em busca de riqueza.

As primeiras notícias da descoberta de metais preciosos, em quantidade considerável, só ocorreram no final do século XVII na região das Minas Gerais.

Chegando as Minas Gerais, os primitivos colonizadores (portugueses, nordestinos e paulistas) não sabiam se permaneceriam naquele território “aqueles homens audaciosos abriam caminhos através dos matos com um único objetivo: encontrar pedras e metais preciosos, enriquecer e retornar à terra de origem (CAMPOS, 2006, p. 19).

Foram muitas as dificuldades encontradas pelos desbravadores como ataques indígenas, falta de mulher branca e de alimentos o que teve muitas consequências como crimes e abandono da região.

As riquezas do território atraíram as populações de outras partes da América portuguesa. Surgiram arraiais efêmeros (CAMPOS, 2006, p. 19).

Foi nesse contexto expedicionário, de Entradas e Bandeiras, que em 1696, comandados por Salvador Mendonça Furtado os pioneiros de Mariana chegaram ao logradouro da futura cidade.

Unido ao entusiasmo que normalmente desperta o descobrimento de minas de metais preciosos, o interesse oficial pelo ouro das Gerais estimulou os habitantes de São Paulo, que se lançaram à procura de novos ribeirões auríferos nos sertões recém-desvendados. Toda esta primeira fase mineradora caracterizou-se pela exploração do ouro de plácer, ou seja pela mineração aluvial. Este primeiro momento das Minas de Ouro foi marcado por um sem-número de tumultos, de crimes, de convulsões de toda a sorte, contando entre elas as crises generalizadas de fome e de carestia de alimentos (SOUZA, p. 15 e 16).

A notícia da descoberta do ouro se espalhou e atraiu pessoas de várias partes da colônia e da metrópole e o excesso populacional causou fome, conflitos e muitos abandonaram a região aurífera dando origem a novos povoados. A partir daí o problema da carestia passou a ter solução, pois os povoados auríferos passaram a ter plantações de roças e criação de animais domésticos como galinhas e porcos. Outra medida tomada foi a abertura do “Caminho Novo” visando principalmente o abastecimento da região.

Os arraiais se desenvolveram no início do século XVIII e para facilitar a administração e o controle da região aurífera, os que mais se destacaram foram transformados em vilas. “A primeira delas, criada a 8 de Abril de 1711, foi a Vila de Nossa Senhora do Carmo, mais tarde Mariana” como disse Laura de Mello e Souza em seu livro “Opulência e Miséria nas Minas Gerais”.

A Vila do Ribeirão do Carmo foi ocupada e cresceu como as outras vilas do país, de forma desordenada, porém, com particularidades inerentes à região mineradora.

A presença de territórios e praças, tão comum em nossas cidades, notadamente as costeiras, não se fará sentir nos núcleos de mineração que se formaram de pequenos arraiais, como Ouro Preto e São João Del Rey. Ocorrendo o ouro em regiões montanhosas, os arraiais nasciam ora junto aos regatos, ora nas encostas. Entre eles se formou uma rede de ruas irregulares e íngremes, nas quais se encravavam pequenos pátios. Os povoados rapidamente se transformaram em vilas, concentrando colonos e imigrantes que, com seus escravos, vinham em busca de ouro, e as autoridades que ali se instalavam para controlar a extração aurífera (PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 114).

Quando o rei de Portugal ordenou que, o governador das Minas e São Paulo se fixasse na região mineradora para resolver melhor os conflitos na região, a Vila do Carmo se tornou a primeira capital da região.

Ao identificar um quadro de oposições paulistas contra emboabas, era urgente instituir um caminho, um quadro novo: a composição de forças opostas. Neste momento, surge uma figura talhada para a importante missão: Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, novo governador da capitania de São Paulo e Minas do Ouro. A ele foi recomendado ficar próximo das áreas mineradoras para que exercesse sua autoridade e contivesse os possíveis conflitos. Sua escolha recaiu

sobre o arraial do Ribeirão do Carmo e, aí, instalou seu governo (CAMÊLO, 2016, p. 29).

A esse mesmo governador se deve a elevação do arraial à Vila em 1711.

Em meados do século XVIII, Mariana foi escolhida para ser sede do primeiro bispado da região das Minas (Mariana já não era mais a capital), porém, ser sede de um bispado era uma imensurável honraria e o mesmo não podia ocorrer em uma vila, por isso, a vila do Carmo foi elevada à condição de cidade, a primaz das Gerais e recebeu o nome de Mariana, em homenagem a rainha Maria Ana, esposa de Dom João V, rei de Portugal.

O Ribeirão do Carmo sempre foi importante para a cidade, foi caminho para os bandeirantes que aqui chegaram, forneceu muito ouro, esteve presente no nome do arraial, mas, como a cidade cresceu em suas margens, fez a população padecer com inúmeras e destruidoras enchentes. Aproveitando a elevação da vila à cidade, os vereadores apelaram ao rei, D. João V, que a mesma fosse instalada em um logradouro mais seguro. O rei atendeu as solicitações e o engenheiro militar Alpoim, foi escolhido para planejar a cidade.

O período de grande exploração aurífera passou, a quantidade do metal diminuiu e a cidade entrou em crise econômica. No início do século XX, foi implantada na cidade uma estrada de ferro e uma estação, responsável pelo transporte de mercadorias e de passageiros. Na metade desse mesmo século, foi encontradas imensas jazidas de minério de ferro e o município voltou a depender economicamente da extração de metais.

Atualmente, Mariana sobrevive do turismo, comércio, agricultura e principalmente da extração de minérios.

3. A Câmara Municipal de Mariana

3.1 A história da Câmara de Mariana

Portugal precisava firmar sua presença na região mineradora da colônia e evitar que os cofres da coroa fossem lesados, Minas se tornou uma região cobiçada e atrativa tanto para os reinóis quanto para forasteiros e colonos que desejavam enriquecer com a promessa de ouro fácil.

Uma das maneiras de marcar a presença da coroa e controlar a região é a implantação de uma Câmara Municipal, costume português medieval e que a metrópole implantava em suas colônias.

Uma dessas instituições era muito antiga _ as Câmaras Municipais, velha criação medieval de tão relevantes serviços prestados, não somente em questões propriamente municipais, como questões de calçamento, arruamento, limpeza urbana, mas outras que modernamente são “federais”, como abastecimento, regulamentação das profissões etc. podemos dizer que tudo o que interessava à vida concreta das famílias, tudo o que dizia respeito ao bem da “república”, no amplo sentido latino da expressão, era atribuição municipal. Se compararmos as atribuições dos venerados Senados da Câmara com as das atuais Assembleias Legislativas estaduais, verificaremos que, na realidade, eram mais amplas (TÔRRES, 1962, v.1, p. 197).

A Câmara de Mariana foi criada pelo primeiro governador da região das Minas e São Paulo, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, em 1711, mesma época em que o mesmo elevou o povoado do Carmo à condição de Vila, que, ao ser fundada, já se procurava um lugar adequado para sua implantação.

Além da função legislativa, a Câmara Municipal, atuava como executivo municipal e ainda emitia os títulos de ofícios profissionais como mestres de obras e de carpintaria entre outros profissionais que atuavam na região.

No Carmo, a primeira Câmara, eleita pelos “homens bons” do povoado funcionou provisoriamente, na casa de um dos mais antigos moradores, Pedro Frazão, na primitiva Rua Direita, atual Rosário Velho (DAMASCENO, 1998, p. 34).

Na Vila do Carmo, a Câmara funcionou em vários endereços como no Rosário Velho e próximo à Sé e assim como o restante da cidade sofreu com as inundações. Quando D. João V atendeu as solicitações da Câmara para a cidade fosse construída em um logradouro seguro, longe das inundações, o rei, determinou ao governador Gomes Freire, que encontrasse um local seguro, sem risco de inundações para a construção de um prédio sólido para o funcionamento da Casa de Câmara e Cadeia e que assim se evitasse a fuga de presos. Durante a colônia era comum em várias regiões, como por exemplo, Minas e Bahia, que os prédios das Câmaras abrigarem também a cadeia pública.

O engenheiro militar português, José Fernandes Alpoim, foi designado para planejar (FIG. 4) urbanisticamente a cidade de Mariana, traçou a “Rua Nova” entre outras. Gomes freire entendeu que o lugar onde estava localizado o antigo quartel de Cavalaria, que fora transferido para Ouro Preto, e o prédio seria demolido, possuía um grande lote de terra que estava em um lugar elevado, longe do Ribeirão do Carmo, seria perfeito para a construção do novo prédio. A praça, hoje Minas Gerais, com o prédio da casa de Câmara e cadeia e as igrejas de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis, compunham a representação do poder civil e religioso da cidade de Mariana nos séculos XVIII e XIX.

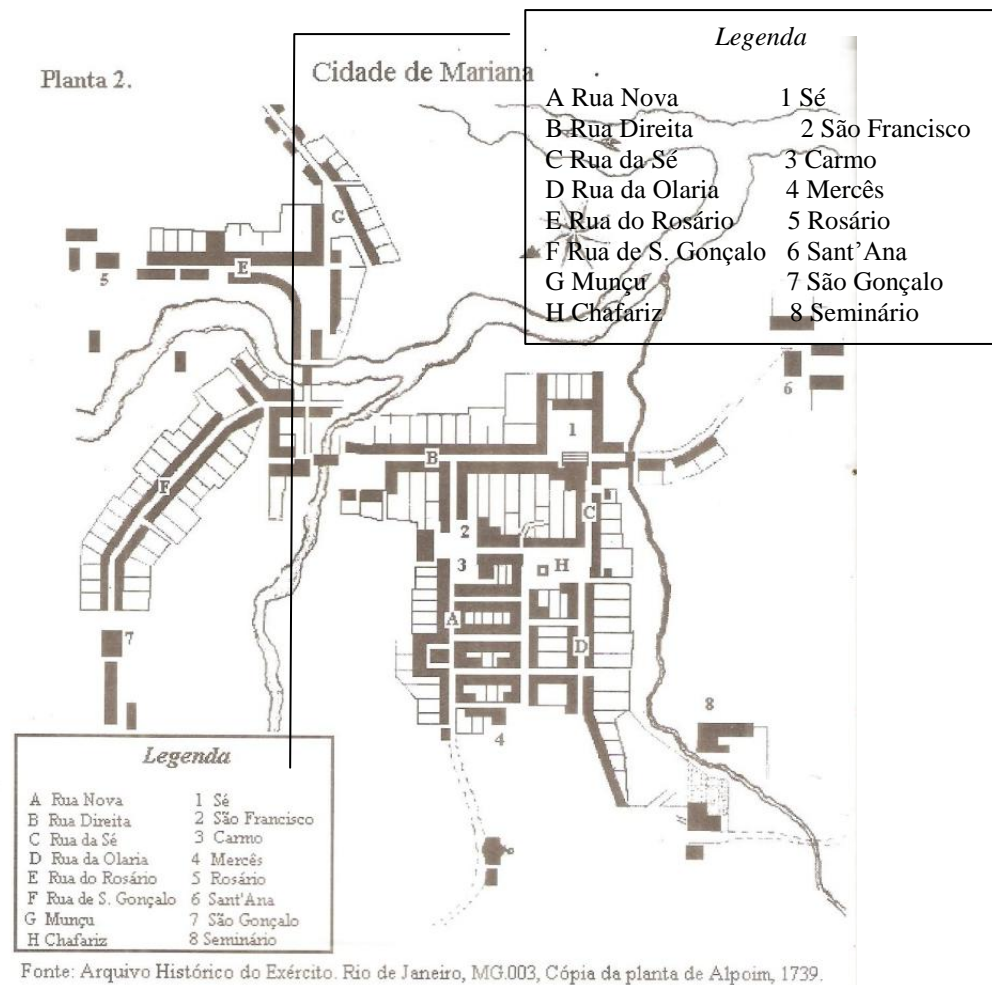


Figura 4: Planejamento de Alpoim para a cidade de Mariana.

Fonte: Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro, MG 003, Cópia da planta de Alpoim, 1739 apud. TERMO DE MARIANA, 1998.

As obras públicas e religiosas eram arrematadas através de concorrências públicas, os profissionais que oferecessem o serviço pelo menor preço, arrendavam total ou parcialmente a execução da obra. O nome do vencedor era anunciado publicamente pelo porteiro da Câmara.

A execução de obras desta importância obedecia geralmente a um “risco”, a um projeto pré-estabelecido. O risco da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, durante muito tempo atribuído a José Pereira Arouca, foi na verdade obra de seu mestre, José Pereira dos Santos, e data de 1762. Na mesma época (...) foram escritas as “condições” para sua arrematação, tratando-se de um documento de mais de oito folhas, que traz as mesmas designações presentes nas plantas dos dois pavimentos do edifício _ que também são conhecidas _ e fornece as dimensões e detalhes minuciosos de cada elemento da construção (DAMASCENO, 1998, p. 182).

Normalmente, as construções na região das Minas eram simples, a maioria de um andar, telhado de duas águas, rudimentares, utilizando mão-de-obra e materiais locais, a

exceções eram as residências oficiais, eclesiásticas e prédios militares. Com o passar do tempo, algumas residências particulares, de famílias mais abastadas, também foram sendo melhoradas, mostrando a riqueza dos moradores. O fato é que o prédio da Câmara deveria ser imponente, firmando o poderio português.

A partir de então, ficam definidos os principais tipos de arquitetura do poder português que, ao lado das construções militares, vão incluir as residências oficiais e as chamadas Casas de Câmara e cadeia que abrigando as administrações municipais, são as edificações de mais ampla significação e que se erguem nas vilas de maior importância (MELLO, 1985, p.169).

As Câmaras Municipais implantadas pelos portugueses, são construções imponentes, carregam em sua arquitetura características medievais como, por exemplo, a torre sineira que tinha função de abrigar o sino, indispensável para convocar a população.

Uma análise tipológica mais detalhada das características arquitetônicas da Câmara de Mariana será realizada nos próximos capítulos.

Atualmente, a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana funciona apenas como câmara municipal, a antiga cadeia é um espaço utilizado para exposições e atividades da Câmara, existe também um arquivo com vários documentos importantes, inclusive com a planta e anotações de José Pereira dos Santos sobre o projeto da mesma. Ao longo dos séculos, várias decisões foram tomadas pelos vereadores neste prédio que continua cumprindo bem sua função de abrigar o legislativo e de encantar aos marianenses e visitantes pela sua imponência, importância histórica e beleza arquitetônicas.

3.2. Os construtores da Câmara de Mariana

Ao analisarmos uma obra arquitetônica é recomendável que estudemos também os seus construtores, pois estes acabam introduzindo na mesma, características próprias de suas obras, vivências e lembranças.

A Casa de Câmara e Cadeia de Mariana foi projetada por José Pereira Dos Santos, mestre de José Pereira Arouca, seu construtor, ambos portugueses e que contavam com grande prestígio profissional.

3.2.1. José Pereira dos Santos/José Pereira Arouca

José Pereira dos Santos

José Pereira dos Santos foi mestre de obras, arquiteto e projetista da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana. Era português, nascido na freguesia de São Salvador de Grijó, em cinco de fevereiro de 1719, uma região ligada ao ofício de pedreiro.

A perícia de José Pereira dos Santos em obras de alvenaria de pedra e cantaria, sua experiência e audácia dentro da cultura construtiva em que fora formado, brevemente fariam dele o maior empreiteiro de Ouro Preto e Mariana da primeira década do século XVIII (DANGELO, 2006, p. 343).

Foi um profissional renomado, participou de importantes projetos na região das Minas como na igreja São Francisco de Assis de Mariana (FIG. 5) cujo projeto é de sua autoria.



Figura 5: Fachada da igreja de São Francisco. Mariana - MG.
Fonte: OLIVEIRA, 2010, p. 136.

Pereira viveu em Mariana (FIG. 6) na região dos “Monsús” (essa região recebeu esse nome devido aos franceses que residiam na região serem chamados de messieu e na linguagem popular que não sabia pronunciar a palavra francesa que significa senhor

corretamente acabaram apelidando de Monsús), atual bairro Rosário. Não se casou, se envolveu em alguns escândalos por manter um relacionamento com uma mulata e por dívidas, mas possuía vários bens.

José Pereira dos Santos foi um homem rico e de fábrica, pois empreitou várias obras e possuía diversos bens: casas no “fim da rua nova” em Ouro Preto, roça em Rio Manso, três juntas de boi, dezenove bestas, bens em Portugal, diversas ferramentas nas obras (entre elas roda de guindar, taboados, paus, mitões de ferro, cordas, alavancas), gamelalas, caixões de guardar farinha e feijão e pratos, candeias e barris, e 5 escravos domésticos e 27 numa propriedade rural (DANGELO, 2006, p. 349).

Morreu em 1762 aos 43 anos, está sepultado na igreja do Carmo em Ouro Preto, onde era irmão.

José Pereira Arouca

Profissional renomado, no século XVIII, em Mariana, foi construtor de obras importantes na cidade e algumas em Ouro Preto

Seguiu carreira como empreiteiro e construtor, entalhador, carpinteiro e Juiz do Ofício de pedreiro e carpinteiro. No século XVIII, as Câmaras municipais é que emitiam a autorização para diferentes profissionais, essa certificação era feita mediante a avaliação do candidato por um profissional reconhecido no seu campo de atuação.



Figura 6: Fachada da casa onde viveu José Pereira Arouca em Mariana.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

Era um profissional de destaque na região como destacou Germain Bazin:

José Pereira Arouca é citado pelo Vereador de Mariana como o que deu prosseguimento ao desenho e a obra da capela do terceiros franciscanos de Mariana, segundo o risco feito por José Pereira dos Santos. Na realidade, ele foi arrematante dos trabalhos dessa capela desde 1761, segundo o primeiro risco adotado, e permaneceu encarregado da obra quando, em 1762, foi escolhido um novo risco de autoria de José Pereira dos Santos, José Pereira Arouca devia gozar de certa

reputação, pois, em 1771, vemo-lo, sem dúvida, a pedido desta Ordem, a escrever quatro cartas aos terceiros do Carmo de Ouro Preto para lhes dar sua opinião sobre diversos pontos, especialmente sobre o desenho da parte principal, aquela dos arcos que sustentam o coro e sobre o lavatório da sacristia. No mesmo ano, ele foi louvado numa vistoria feita nos trabalhos desta capela. Em 1794, foi louvado, junto com o Aleijadinho, na vistoria da entrega da obra de São Francisco de Assis de Ouro Preto por Domingos Moreira de Oliveira, o arrematante. Também dirigiu as obras da graciosa (“esbelta”) Casa da Câmara de Mariana, fato que Joaquim da Silva, escrevendo em 1790, não se esqueceu de mencionar. Foi arrematante da mesma em 23 de outubro de 1782. Construiu a Casa Capitular de Mariana, da qual foi arrematante em 1770 (BAZIN, 1956, p. 212).

Segundo Dangelo (2006), além de sua atividade de construtor, ele também se dedicava a outras atividades econômicas como sócio de exploração mineral e como dono de bestas para transporte, também recebeu o título de Alferes, era membro das irmandades da Ordem Terceira de São Francisco, do Santíssimo Sacramento e de Santana. Foi o maior arrematante de obras públicas em Mariana.

Segundo seu inventário, ele nasceu na freguesia de São Bartolomeu da Vila de Arouca (...) José Pereira nasceu aos vinte e três dias de abril de 1731(...) Devia ser perito na sua profissão desde jovem pois emigrou ainda muito cedo para Minas Gerais, onde seu nome aparece documentado à partir de 1753 (DANGELO, 2006, p. 349).



Figura 7: Fachada do sobrado do Barão do Pontal que Arouca trabalhou na construção.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

Ao desempenhar seu ofício de construtor, José Pereira Arouca trabalhou em diferentes linhas como construção de ruas, calçadas, pontes, igrejas e a Câmara Municipal.

Suas principais obras foram:

- A casa de câmara e cadeia;
- O sobrado do Barão de Pontal (FIG. 7);
- A casa capitular (FIG. 8);
- O Seminário Menor;

- O Palácio Episcopal;
- A Igreja de São Francisco de Assis;
- A capela-mor da matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Santa Rita.
- A capela de Nossa Senhora da Boa Morte.



Figura 8: Fachada da Casa Capitular de Mariana, trabalho de Arouca.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

André Guilherme menciona várias vezes o cuidado de Arouca com a unidade arquitetônica das obras que trabalhava, fato que o transformou em profissional muito respeitado e que aparece em documentos da Câmara como de Juiz de Ofício, também como tesoureiro e como administrador da renda de aferições.

(...) Paralelamente à construção de templos, dedicou-se às obras públicas e privadas, participou da construção e conserto de diversos chafarizes (além do reparo de um aqueduto), participou de várias obras no palácio dos Bispos e no Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, fez e reformou várias calçadas (além de outras obras de infraestrutura). Em 1782 foi encarregado de dirigir as obras da estrada entre Mariana e Vila Rica, reconstruída a mando do governador de então, Dom Rodrigo José de Menezes.

(...) José Pereira Arouca ficou ligado à história administrativa, urbanística e arquitetônica de Mariana e região (Revista histórica e cultural, p. 6. Acesso 17 fev. 2018).

3.3. Descrição Tipológica da Câmara

Ao estudarmos uma obra arquitetônica, é necessário fazermos uma análise tipológica da mesma para compreendermos como ela foi concebida e executada e quais as funções de suas partes integrantes. Para fazer a descrição tipológica da mesma, além de visitas para reconhecimento do local, nos basearemos na obra de Paulo Thedim Barreto que na década de 1930, como colaborador do SPHAN, fez uma análise detalhada de várias Casas de

Câmara e Cadeia em diferentes regiões do país, cujo trabalho foi publicado na revista desse órgão e serve de base de pesquisa para vários trabalhos sobre esse tema.

Após o rei Dom João V compreender a necessidade de construção de um prédio para o funcionamento da Casa de Câmara e Cadeia, o primeiro passo foi a escolha de um local seguro para a construção da mesma. Foi escolhida então a sede do antigo Quartel dos dragões do Conde de Assumar, um logradouro seguro, com boa visão da cidade e protegido das inundações.

O local para a construção da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana já estava escolhido desde 1747, e a construção foi iniciada em 1768. A Casa de Câmara e Cadeia era, em geral, construída com dois pavimentos, sendo o inferior ocupado pela cadeia e o superior pela Câmara. O interior das prisões das Casas de Câmara e Cadeia possuía compartimentos, como as enxovias, salas e celas onde ficavam os presos – homens, mulheres, negros e galés. Para penetrar no seu interior, era necessário descer por escadas de mão móveis. Havia as “salas-livres”, indicadas pela justiça para o cumprimento de prisão fora do cárcere, e as “salas fechadas” ou “salas-fortes” para guardar presos. Existia ainda uma sala denominada de segredo ou moxinga, onde eram realizados interrogatórios, podendo nesta ser aplicada a tortura em presos que tivessem cometido crimes graves. Além das prisões comuns, existia o aljube, destinado ao encarceramento de pessoas que tivessem cometido crimes eclesiásticos ou de lesa-majestade. A casa de Câmara e Cadeia de Mariana foi projetada para abrigar no pavimento inferior a maioria desses espaços (CARVALHO; OLIVEIRA, 2012, p. 78).

A Câmara de Mariana foi implantada em um terreno amplo, de acordo com Paulo Thedim, não se sabe se sobre os alicerces do antigo quartel, em todas as suas laterais existe um gramado, com o passar do tempo, nesse gramado foram plantados diferentes espécies vegetais, que foram retirados atualmente, mas, que é lembrado por antigos moradores ou em fotos onde podemos verificar a pintura em outra cor que não o branco atual adquirido depois do tombamento do prédio pelo SPHAN.

A frente do terreno onde está implantado o prédio da Câmara existe um pequeno muro de arrimo feito de pedras de canga com o objetivo de segurar o terreno, já que o mesmo forma uma pequena descida. Esse muro de arrimo (FIG. 9) desce do lado direito frontal. Ao redor do prédio, entre o gramado e o mesmo existe uma pequena calçada em pedras ao estilo pé de moleque, este tipo de calçamento era comum na região das Minas colonial, usados no interior das residências como no térreo da casa de Tomás Antônio Gonzaga em Ouro Preto, do Museu do Ouro em Sabará e externamente na pavimentação de ruas e calçadas. À frente da escadaria, existe também uma passadeira de pedras, da largura da escada que conduz o transeunte da rua até a entrada para a Câmara.



Figura 9: Muro de arrimo.
Fonte: Walleska Werneck, 2019.

A Câmara de Mariana foi construída com uma fachada típica das construções “governamentais” na América portuguesa, com um certo ritmo nas aberturas, porém, algumas características destacam a importância do mesmo, como as presenças do sino e do “relógio do povo” utilizados para comunicarem aos cidadãos alguma decisão importante tomada pelos vereadores, o sino tocava e as pessoas se reuniam e do alto da escadaria, em uma espécie de tribuna, era lido o comunicado. O sino e o relógio estão inseridos na torre central (FIG. 10) do telhado.



Figura 10: Detalhe da portada e da torre sineira com o relógio e o brasão do império, Câmara Municipal de Mariana.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

Na fachada frontal existem três aberturas em arco de verga (FIG. 11), três de cada lado no andar superior protegidas com sacada em balcão de laje de pedra e parapeito em ferro trabalhado, formando uma “renda”. O fechamento dessas sacadas é feito em portas de duas folhas em madeira e vidro. O ritmo das aberturas é quebrado com uma portada central no piso superior, fechada com porta de madeira almofadada, pintada de “verde colonial”.



Figura 11: Sacada com balcão em pedra e parapeito em ferro da Câmara Municipal de Mariana.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

A portada é feita em cantaria de pedra sabão, adornada com arcos superiores invertidos e entablamento com os símbolos do império. Acima da portada, no centro do telhado, está localizada a torre, cuja fachada principal é adornada em cantaria de pedra; comporta o relógio de mesmo material que atualmente não funciona por isso, foi pintado no mesmo, ponteiros com tinta na cor preta. Acima do relógio, existe a abertura para o sino e o topo da torre é adornado com pináculos em pedra. As laterais da torre são caiadas de branco e seu fechamento é feito com estrutura de madeira e telhado de barro.

A transição das paredes externas para o telhado é feita com fechamento em cimbalhas com argamassa, brancas com detalhes em amarelo. O telhado em quatro águas, aliás esse é mais um detalhe que distingue o prédio das demais construções do arruamento, pois as mesmas, residências, possuem telhado em duas águas, ele está em uma posição de destaque no terreno em que foi implantado, não possui testa rente à rua e não faz parede e meia com

nenhuma outra construção como era comum nas cidades coloniais. O telhado possui estrutura em madeira e fechamento em telhas de barro.

O piso inferior onde funcionava a cadeia, na fachada principal possui duas janelas (FIG. 12) de cada lado, em cantaria de pedra, com arcos em canga e fechamento em madeira, uma característica que lembra seu passado de cadeia é a presença de grades fechando as mesmas. Essas grades são feitas de grossas barras de ferro agrupadas verticalmente e horizontalmente, de forma paralela, que impossibilitavam que os presos fugissem, mas, permitiam que os mesmos avistassem a rua.



Figura 12: Janela frontal do piso inferior com grade de ferro.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

A entrada do térreo era feita na parte central da fachada, embaixo da portada principal, ela é mais baixa, menos imponente, feita em cantaria de pedra, com arco de canga. Uma porta interna (FIG. 13), além do fechamento em madeira, possui uma pesada grade de ferro externa, no mesmo modelo das grades das janelas, essas grades são tão pesadas que possuem um trilho e uma roda para facilitar sua abertura.



Figura 13: Porta da entrada inferior da Câmara Municipal de Mariana.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

As quatro colunas laterais que unem as quatro fachadas são revestidas em cantaria de pedra sabão. No piso superior, as fachadas laterais possuem três aberturas de janela em arco de canga, feitas em cantaria e fechamento de madeira e vidro.

A fachada posterior (FIG. 14) possui aberturas de janelas nos dois pisos, também em cantaria, arco de canga e fechamento em madeira e vidro. As janelas posteriores estão alinhadas, algumas possuem grades de proteção. Na água do telhado que cobre a fachada posterior, encontramos três chaminés. As chaminés eram utilizadas como saída de fumaça dos fogões localizados perto das latrinas. Esse era um recurso usado para disfarçar o mau cheiro das mesmas.



Figura 14: Fachada posterior com as chaminés (Câmara Municipal de Mariana).
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

Os materiais utilizados na construção da Câmara de Mariana, também são comuns às construções do período colonial da região, nas fachadas, foram utilizadas alvenaria de pedra revestida de argamassa de cal e areia. As chaminés foram construídas em adobe, revestidas de argamassa, caiadas de branco com fechamento de pequenos telhados com estrutura de madeira e telhas de barro. O piso do andar inferior é de lajes de quartzito e no superior em assoalho de madeira.

A tipologia adotada é de planta retangular composta de um duplo quadrado. No projeto original, o pavimento inferior era dividido em três grandes espaços, que por sua vez, eram subdivididos por um arco. Esses espaços eram destinados aos presos brancos, aos pretos e às mulheres. O pavimento superior, destinado à câmara e construído com paredes menos espessas, foi projetado com três salões de frente e cinco salas de fundo. O acesso às enxovias fazia-se através das trapeiras (CARVALHO; OLIVEIRA, 2012, p. 85).

Na sala de entrada da Câmara, atualmente existe uma abertura no lado esquerdo superior onde os visitantes podem observar a estrutura das paredes internas, construídas em adobe. As salas da frente do andar superior, possui forro de madeira, atualmente pintadas de branco em formato de gamela (FIG.15). Na sala de entrada existem alguns quadros do século XIX com a pintura de Dom Pedro II e outra de Dom João VI. Existe também uma pintura de Dona Maria I e poucos mobiliários antigos.



Figura 15: Detalhe do forro de madeira do andar superior.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

A sala da frente direita é utilizada como plenário da Câmara (FIG. 16) onde são realizadas as reuniões dos vereadores. O mobiliário é do século XIX em madeira nobre com entalhes com o escudo da cidade de Mariana. Na sala frontal lateral esquerda, às vezes se

realiza velórios de cidadãos de destaque na sociedade marianense. As salas posteriores do andar superior são utilizadas por setores administrativos da Câmara assim como as salas do térreo.



Figura 16: Janelas laterais do plenário da Câmara Municipal de Mariana.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

As paredes externas do primeiro piso são grossas para evitar as escavações e fuga de presos.

Na Câmara de Mariana (...) os alicerces das paredes externas deverão ter doze palmos de profundidade, medidos do insoleiramento. Alicerces de pedra grande e bem maciçada a cal, com a espessura de oito palmos (...) (CASTRIOTA, REZENDE; SANTOS, 2012, p. 60).

Barreto, citado no texto de Castriota, Rezende e Santos (2012), cita uma característica inerente à Câmara de Mariana: “que diferentemente da maioria das congêneres, apresentava um sistema de abastecimento de água descrito mesmo por Barreto, que apresentava “fonte e tanque” (FIG. 17) (CASTRIOTA, 2012, p. 60 apud. BARRETO, 1947, p.145).



Figura 17: Fonte e tanque da Câmara Municipal de Mariana.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

O grande destaque mesmo da edificação da câmara é sua escadaria frontal.

Na casa de Câmara e Cadeia de Mariana, a escadaria externa é descoberta e de aspecto nobre e desenvolveu-se em quatro lances laterais paralelos à fachada, dispostos dois a dois a partir de um patamar elevado do nível do solo por meio de cinco degraus de convite e perpendicular à fachada. Seu maior desenvolvimento e largueza permitiram-lhe possuir amplos patamares-de-volta intermediários. O tradicional uso de tribuna – que se dava em tais escadas- faz com que se compreenda melhor a expressão teatral dessa escada. Há nela um sentido hierárquico e a expressão cenográfica é acentuada pela heráldica portada que a coroa lhe faz fundo (CARVALHO; OLIVEIRA, 2012, p. 84).

A escadaria (FIG. 18) é construída em alvenaria de pedra, reboco em argamassa de cal, com degraus e lajes em pedra sabão. Possui nos cantos decoração com pináculos no mesmo material.



Figura 18: Escadaria, porta e portada da Câmara Municipal de Mariana - MG.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.



Figura 19: Detalhe do acabamento em cantaria da escadaria da Câmara de Mariana.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

O forro da cadeia é de madeira ao estilo “saia e camisa”.

Nos fundos do terreno da Câmara, estão localizados o Paço (FIG. 20) e o antigo armazém.



Figura 20: Passo e antigo armazém da Câmara Municipal de Mariana-MG.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

Como a construção da Câmara de Mariana é oriunda do século XVIII, algumas alterações ocorreram com o passar dos séculos, algumas dessas mudanças podemos perceber ao observarmos fotos antigas como, por exemplo, pintura de paredes e paisagismos, porém, outras alterações, só são perceptíveis ao analisarmos o projeto original ou ao fazermos leituras como Thedim Barreto.

Uma das partes da construção que não existem mais é o antigo muro que cercava os fundos da cadeia.

O muro da Câmara de Mariana tinha “de grosso dous palmos e meio, e de alto doze palmos”. Junto aos cunhais da cadeia, havia portas com portais de pedra de Itacolomi. As portas tinham de “largo seis palmos e de alto doze” e eram cobertas com lages de pedra (BARRETO, 1947, p. 100).

O material utilizado na construção é oriundo da própria região como as pedras retiradas da região do pico do Itacolomi utilizadas inclusive em peças de cantaria presentes na construção.

Na casa de Câmara e Cadeia de Mariana, os cunhais são de cantaria do Itacolomi, e da mesma pedra as suas cimalkas, e as cimalkas de todas as quatro faces... fingidas e feitas de cal na forma do risco... (BARRETO, 1937, p. 101).



Figura 21: Brasão da Câmara de Mariana.
Fonte: CASA DE CÂMARA E CADEIA DE MARIANA, 2012, p. 215.

Um dos destaques da portada da Câmara de Mariana, é a inserção do escudo do imperial, que substituiu o escudo da monarquia ibérica. A alegoria foi feita em cantaria, com um globo central, rodeado por 21 estrelas representando as províncias, do lado esquerdo um ramo de café e do lado direito um ramo de tabaco, ambos representando as riquezas do império.

O soco da casa da Câmara de Mariana assenta sôbre o insoleiramento dos alicerces; daí pra cima, é metido a prumo até a altura de cinco palmos, onde faz novo insoleiramento, isto é, novo respaldo. O pedestal de “ensilheira de cantaria” (p. 102) Varandas de grades de ferro são as de Mariana, que tiveram “pirolas de chumbo torneadas e douradas, tudo bem feito, seguro e forte como pede semelhante obra” (BARRETO, 1937, p. 106).

No projeto inicial, não havia risco para o sistema de iluminação uma vez que no século XVIII não havia energia elétrica e, portanto, necessidade de rasgos na alvenaria para passar conduítes e fiação.

Os sistemas de iluminação não interferiram na fábrica das Casas de Câmara e Cadeia. A iluminação era a óleo ou, então, a cera, em aparelhos móveis, como lampeões, lanternas, candeeiros, luminárias, etc (BARRETO, 1937, p. 151).

4.1 História da migração Minho - Minas

Quando a notícia da descoberta dos primeiros veios de ouro encontrados na região das Minas se espalhou, atraiu muitos colonos e reinóis com a possibilidade enriquecimento rápido e mudança considerável de condições de vida. Da metrópole, vieram migrantes de diferentes regiões e também da região do Minho, não se sabe ao certo a quantidade de migrantes que vieram para a colônia, principalmente para a região das minas, mas, os registros existentes revelam algumas características desse processo.

A fome e a miséria tinham diminuído na região do Minho, mas, as condições de vida não havia melhorado, a economia local era baseada na agricultura devido as características naturais serem favoráveis a essa prática

As populações rurais passaram a ter mais alimento, mas não maior riqueza. Como a terra era pouca, os homens e mulheres viviam apenas como assalariados, com um nível de vida muito baixo. As fomes poderiam não ser tão grandes quanto antes, mas a pobreza abundava, havendo muita gente que trabalhava por pouco mais do que o alimento quotidiano (uma malga de caldo e um naco de pão de milho) e uma muda de roupa em cada ano (OLIVEIRA, 2016, p. 220).

Além da possibilidade de enriquecimento, havia também quem buscasse fugir das dívidas que muitas vezes não eram perdoadas.

Uma característica importante dessa migração é o fato das esposas e mães precisarem dar autorização para que os maridos ou filhos migrassem para o Brasil, porém, pelo número de autorizações encontradas e o número de bracarenses que comprovadamente viviam na região das Minas, podemos concluir que nem sempre essa “obrigação” da autorização era cumprida.

O local exato para onde se destinava esses migrantes do Minho ao chegarem ao Brasil não era tão claro, porém, como era a região das Minas que mais causava atração, provavelmente era pra cá que se dirigiam.

Arcar com os custos de uma viagem transatlântica era custoso, lembremos que muitos camponeses trabalhavam apenas em troca de alimentos e roupas, Eduardo Pires de Oliveira pesquisou formas que alguns migrantes do Minho utilizavam para conseguir embarcar. São elas: Empréstimos, trabalho não remunerado até a quitação das despesas, presos escoltados até embarcarem, empréstimos e venda de bens familiares.

Como os migrantes tinham como objetivo mudar as próprias condições de vida e também a dos familiares, muitos recursos foram enviados das Minas para o Minho, existiu até profissionais responsáveis por fazer essa transferência. O envio de dinheiro, ouro, pedras preciosas e até mesmo de escravos, não era uma prática segura, pois, profissionais desonestos poderiam não entregar a encomenda ao destinatário ou cobrar altas taxas chegando ao destino menos da metade do que fora enviado. O envio de bens também poderia ser como pagamento de herança aos herdeiros, para a realização de missas para doadores finados ou para colaborar com ordens religiosas.

A verdade é que as riquezas que vieram de Minas tiveram uma importância muitíssimo grande.

Se é certo que por vezes eram os minhotos/mineiros que de sua livre vontade mandavam dinheiro para a feitura de obras, outras vezes eram as confrarias que o pediam expressamente, fosse através de peditórios, fosse enviando uma imagem sagrada que corria as casas e atraía moedas que depois eram enviadas para o Minho. Outras vezes mandavam-se vender correias e livros de indulgências porque havia necessidade de dinheiro para obras (OLIVEIRA, 2016, p. 232).

Além de ajudar a família ou ordens religiosas, os recursos enviados também ajudavam o financiamento da construção de muitas obras de arte, construções de capelas e o ensino de artes e ofícios como a carpintaria e a pintura.

De acordo com Oliveira, os bracarenses migravam para diferentes logradouros em Minas.

Ouro Preto, Serro Frio, minas dos Goazes, Catas Altas, Santo Antônio de Itatiaya, Mariana, São João Del Rei, Nossa Senhora da Assumpção do Engenho do Mato, Sabará, arraial da Lapa (Sabará), arraial de Arasuahi comarca do Rio das Mortes, minas do ouro de Parabipeba, Bom Jesus de Forquim, minas de Paracatu são alguns dos muitos nomes de cidades, arraiais ou minas que encontramos nestes documentos (OLIVEIRA, 2016, p. 227).

Outra curiosidade dessa migração é o fato que mesmo distantes, separados pelo oceano Atlântico, não foi o suficiente para se evitar que muitas mulheres entrassem com o pedido de anulação do casamento com a alegação de que os companheiros não estavam cumprindo com as obrigações matrimoniais.

Uma das consequências dessa grande migração de minhotos para a região das Minas, foi a diminuição drástica da população do norte de Portugal, inclusive afetando a quantidade de mão-de-obra disponível para a região que teve que importá-la de outros lugares. Esse excesso de migração foi tão expressiva que o rei Dom João V tomou medidas protetivas, a fim de evitar o embarque de minhotos para o Brasil.

4.2 Principais Influências da Arquitetura Bracarense em Minas

Eduardo Pires de Oliveira chamou a atenção em seu livro *Minho e Minas Gerais* no século XVIII, para o fato de ao andarmos pelas ruas das cidades históricas de Minas Gerais, temos a sensação da semelhança das construções da região do Minho. Por sermos colonizados por portugueses e por recebermos em nosso território grande migração desse povo oriundo de toda Portugal, mas, principalmente do norte daquele país e que comprovadamente trabalharam em vários setores da construção civil e em obras artísticas e ornamentais, é comum que os mesmos utilizem influências de suas memórias e aprendizado para a realização de seu trabalho aqui em Minas.

Na região das Minas, era proibida a instalação de ordens religiosas, havia, portanto, ordens leigas, as chamadas ordens terceiras, responsáveis pela encomenda de obras religiosas como as igrejas setecentistas da região. A comunicação no período era difícil.

Mas havia um grande contratempo: nesta terra não havia boas livrarias. Sem bibliotecas conventuais, com um clero ainda mal organizado, sem uma nobreza que cultivasse o prazer do ócio e da arte, não existiam condições para poder existir uma boa informação exterior.

Temos hoje conhecimento que no século XVIII foram enviadas muitas gravuras do Porto para o Rio de Janeiro que, depois foram reenviadas para Minas.

Como é que, portanto, se podem explicar as torres que o Aleijadinho utilizou nas suas igrejas, seja na de São Francisco, de Ouro Preto, seja na homônima, de São João del-Rei, que mais parecem ter uma origem bávara? E que dizer daquela planta de dupla elipse da novamente referida igreja do Rosário dos Pretos, que também parece ter também uma origem semelhante e que, curiosamente, Bazin aproximou de outro templo bracarense, a capela de Guadalupe, apenas pela sua tripla arcada curva na fachada, que Calheiros conheceu antes de partir para o Brasil dado que nascera e vivera em Braga os seus primeiros anos de vida (OLIVEIRA, 2016, p. 97).

A principal influência da arquitetura religiosa bracarense em Minas é o Santuário de Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas (FIG. 22). Essa obra é conhecida mundialmente pelas obras plásticas de Aleijadinho que preenchem os passos que se encontram distribuídos ao longo do caminho que conduz ao Santuário, essas esculturas em madeira policromada, representando cenas da Paixão de Cristo, e pelas esculturas em pedra sabão dos profetas que

ornamentam a escadaria do adro do Santuário. Essa escadaria é a principal característica da arquitetura bracarense no conjunto arquitetônico de Congonhas.



Figura 22: Imagem Santuário do Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas-MG.

Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/06/23/interna_gerais,968867/basilica-do-senhor-bom-jesus-de-matosinhos-e-reaberta-ao-publico.shtml (acesso em 03 ago. 2019).

Sabemos que o Santuário de Congonhas surgiu como pagamento de uma promessa de um garimpeiro minhoto que trabalhava na região de Congonhas

Pouco se conhece sobre a personalidade de Feliciano Mendes, o seu fundador. Sabe-se apenas que era minhoto, que nascera numa freguesia rural do Conselho de Guimarães e conhecia a arte de pedreiro. Por razões que ainda não tiveram informação documental, saiu da sua aldeia natal em busca da fortuna. É perfeitamente natural que na sua meninice tenha ido visitar, ou tenha ouvido falar do Bom Jesus do Monte, que tanta gente atraía. É possível, ainda, que antes de embarcar no Porto se tivesse ido encomendar ao Bom Jesus de Matosinhos que tanta devoção recebia de todos os povos.

Uma vez em Minas, já durante os trabalhos de mineração, contraiu uma grave enfermidade que o impediria de continuar a trabalhar. Só se salvou, acreditava, pela intercessão do Bom Jesus (OLIVEIRA, 2016, p. 99).

Sabe-se que Feliciano passava uma caixa coletora de ofertas para arrecadar fundos para a construção do templo em Congonhas, onde podemos observar claramente a influência bracarense na devoção a Bom Jesus e em características da construção como a escadaria, na localização em um monte e na presença de imagens em pedra ornando o adro.



Figura 23: Foto da gravura da igreja do Bom Jesus do Monte existente no Museu de Congonhas-MG.
Fonte: Walleska Werneck, 2018.

Pela imagem acima (FIG. 23), podemos notar a semelhança entre o Santuário mineiro e a igreja de Portugal como a escadaria, a presença de pequenas capelas que, aqui no Brasil abriga a cena dos passos e a distribuição de imagens pela escadaria e pelo adro como em Congonhas embora as dimensões da escadaria aqui sejam menores.

Esse conjunto de escadaria, norte portuguesa, também influenciou a construção da escadaria da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana.

Além das influências do Minho em grandes igrejas de Mariana, como na igreja de São Pedro dos Clérigos e em Ouro Preto, como na igreja do Rosário dos Pretos, Eduardo de Oliveira também se refere a influências minhotas em outras regiões de Minas como por exemplo em Diamantina e em São João Del Rei.

Lá bem mais para o norte está Diamantina, uma cidade que nos seduz pelos edifícios coloniais, pela casa de gelosias – muxarabis lhe chamavam lá – que nos faz recordar a Casa de Crivos, de Braga, também ela o único exemplar de um tipo de edifício que foi tão corrente na cidade dos arcebispos (OLIVEIRA, 2016, p.118).

Eduardo chama atenção também para o fato de que a influência minhota em Minas não se reduziu apenas à arquitetura e as artes, mas, também na culinária, com a introdução de um ingrediente usado lá e que hoje é um dos mais famosos do estado de Minas, conhecido como couve mineira.



Figura 24: Fachada da Igreja de Santo Antônio (escadaria), Tiradentes-MG.
Fonte: SANTOS FILHO, 2010, p. 34.

A escadaria das igrejas de Santo Antônio (FIG. 24) da cidade mineira de Tiradentes e da igreja de São Francisco de Assis em São João Del Rey (FIG. 25), também apresentam influência da escadaria da igreja de Bom Jesus de Braga em Portugal.



Figura 25: Detalhe da escadaria da igreja de São Francisco de Assis, São João Del Rei.
Disponível em: <https://guia.melhoresdestinos.com.br/sao-joao-del-rei-205-5804-1.html> (acesso em 28 jul. 2019).

5. As influências da arquitetura de Braga no prédio da Câmara Municipal de Mariana- MG

A cidade de Braga está localizada na região do Minho, norte de Portugal (FIG. 26), a cidade com dois mil anos de história foi fundada e pertencia aos romanos por isso, as características arquitetônicas vão mudando ao longo dos séculos, de acordo com diferentes momentos históricos e hoje estão presentes desde ruínas romanas à prédios históricos, públicos e particulares.



Figura 26: Localização da cidade de Braga, Portugal.
Fonte: Google Maps, 2019.

Inicialmente, a cidade de Braga recebeu o nome de Bracara Augusta em homenagem ao imperador romano, hoje em dia a maioria das construções desse período são ruínas (FIG. 27) muito estudadas em escavações arqueológicas.



Figura 27: Ruína de terma romana em Braga – Portugal.
Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/55617685.pdf> (acesso em 08 ago. 2019).

Mesmo com tantos anos de história, as influências presentes na câmara de Mariana são mais atuais, dos séculos XVII e XVIII.

Vimos durante a execução desse trabalho que a influência da região de Braga que mais se destaca no prédio da Câmara de Mariana (FIG. 28) é sem dúvida, a escadaria da igreja de Bom Jesus de Braga (FIG. 29), presente também em outras construções do período em Minas. Trata-se de uma estrutura arquitetônica imponente, que além de embelezar o edifício, a estrutura formada por cinco lances de escada cujos degraus, lajes, pináculos ornamentais e acabamento do guarda-corpo em pedras retiradas do Itacolomi.



Figura 28: Escadaria do Bom Jesus de Braga.
Disponível em: <http://trilhare mochilar.blogspot.com/2015/10/braga-e-guimaraes.html> (acesso em 28 jul. 2019).



Figura 29: Escadaria da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana.

Disponível em: <http://www.proximoembarque.com/2014/01/vivendo-a-historia-em-ouro-preto-e-mariana.html> (acesso em 28 jul. 2019).

Ao compararmos as imagens das duas construções, observamos que em ambas construções, aparecem os mesmos elementos como formato e posicionamento dos lances de degraus, pilares e corrimões com acabamento em pedra; pináculos em cantaria de pedra. Acabamento da alvenaria em cal emassado. Caição em branco.

O peso e a imponência da estrutura ajuda a impor a importância, política e social do prédio na cidade. A estrutura ainda tem outra utilidade, além de dar acesso ao piso superior, era do seu cimo que eram lidas as decisões tomadas pelo parlamento e que os cidadãos precisavam tomar conhecimento para seguirem as leis.

Na escadaria de Braga, o centro da escadaria abriga fontes ou alegorias, na de Mariana, existe uma porta com grossa grade de ferro, que era a entrada para a antiga cadeia.

Muitos prédios urbanos da cidade de Braga possuem muitas semelhanças com a Câmara de Mariana, como exemplo, podemos citar o prédio da própria Câmara de Braga (FIG. 30). Trata-se de uma construção também setecentista, cujas semelhanças que encontramos aqui são: cobertura em telhado de barro em quatro águas; colunas, cimbalhas, portadas, peitoril, arcos e obreiras em pedra. O ritmo das aberturas das janelas e das sacadas são muito parecidos, ambas as construções possuem dois pavimentos e uma planta quadrada. Na frente da fachada principal da construção portuguesa possui um frontão triangular em pedra. A porta de madeira, está dentro de uma imponente portada em cantaria, como aqui, porém, lá, se encontra no andar inferior. Ambos os prédios possuem ainda a mesma função. As duas portas receberam uma camada pictórica verde.

Nas duas construções, as aberturas da fachada frontal superior são feitas em portas de madeira e vidro, com ombreiras e arcos em pedras e proteção das sacadas com gradil de

ferro. No andar inferior existem aberturas em janelas, no caso de Portugal com fechamento em madeira e vidro e aqui em madeira e grades para evitar que os presos fugissem da antiga cadeia.



Figura 30: Paço Municipal de Braga.

Disponível em: <http://trilharemochilar.blogspot.com/2015/10/braga-e-guimaraes.html> (acesso em 04 ago. 2019).

A alvenaria das construções recebeu argamassa e foram caiadas de branco.

Outra construção urbana que lembra muito a câmara marianense, é o prédio do Paço arquiiepiscopal de Braga (FIG. 31). Possui a planta baixa retangular, cobertura em telhado de barro em quatro águas, frontão, cimalha, colunas, degraus, acabamento da escadaria (FIG.32), escudo do frontão e acabamentos de portas e janelas em cantaria. O ritmo das aberturas dos dois pavimentos do paço se parece com o de Mariana, lá, no andar superior, não há sacadas. A entrada principal, como aqui é feita no segundo andar, cujo acesso se da pela escadaria com vários lances de degraus. O frontal deles é mais orgânico, com formato de influencia árabe e no nosso há a torre sineira herdada do costume medieval português de se utilizar o sino para se convocar a população defronte à sede do legislativo. Ambos possuem um escudo central cujo tema se diferencia já que uma é um prédio público, administrativo e o outro, sede do poder religioso.



Figura 31: Paço Arqueiepiscopal de Braga.

Disponível em: <http://bragaon.blogspot.com/2012/10/memoria-de-braga-novo-paco.html> (acesso em 28 jul. 2019).

As escadarias se assemelham, mas, a portada do prédio português é mais simples. As paredes externas receberam argamassa como revestimento e foram caiadas de branco.



Figura 32: Detalhe da escadaria do Paço Arqueiepiscopal de Braga.

Disponível em: <http://bragaon.blogspot.com/2012/10/memoria-de-braga-novo-paco.html> (acesso em 28 jul. 2019).

O museu dos Biscainhos (FIG. 33), de Braga, também possui uma das fachadas parecidas com o prédio de mariana com dois pavimentos, sacadas nas aberturas superiores protegidas por grades de ferro, no centro da fachada há um brasão em cantaria, telhado de barro semelhante ao marianense, grande porta em madeira, porém no andar inferior.



Figura 33: Museu dos Biscainhos.

Disponível em: <https://www.cm-braga.pt/pt/0801/conhecer/braga-em-fotos> (acesso em 28 jul. 2019).

As paredes externas receberam argamassa, são caiadas de branco e a porta principal é verde no mesmo tom da marianense. Os arcos das sacadas se diferenciam dos nossos e as janelas inferiores são quadradas e não com arcos canga de boi, como os nossos.

O prédio da reitoria da universidade Braga (FIG. 34), também poderia ter servido de inspiração para o projeto da Câmara de Mariana.



Figura 34: Portada da reitoria da Universidade do Minho.

Disponível em: <http://trilharemochilar.blogspot.com/2015/10/braga-e-guimaraes.html> (Acesso em 28 jul. 2019).



Figura 35: Portada da Universidade do Minho.
Disponível em: <https://porto-north-portugal.com/de/braga-tagesausflug-de.html>
(cesso em 28 jul. 2019).



Figura 36: Portada da Casa de Câmara e Cadeia.
Disponível em:
<https://viagensinesqueciveis.wordpress.com/2011/11/28/casa-da-camara-e-cadeia-de-mariana-uma-linda-obra/> (acesso 27 jul 2019).

Apesar da fachada ser toda revestida em pedra, a planta é retangular, fechamento com telhado de barro com quatro águas, o ritmo das aberturas, principalmente do piso superior se assemelham muito com sacadas com grades de ferro. O grande destaque de semelhança, vem com a portada principal.

O Palácio dos Raios (FIG. 37), também localizado em Braga, em uma primeira observação, pode ser melhor comparado ao museu da Inconfidência, localizado em Ouro Preto, e que teve sua função inicial como casa de Câmara e cadeia daquela cidade, por causa da platibanda balaustrada e pelos ornamentos que na construção portuguesa foram usados pináculos e aqui, estatuas, mas, fica claro a semelhança com o prédio marianense em relação à volumetria, testada, número de pisos, ritmo de aberturas, destaque para a portada, aberturas do piso superior frontal em sacadas com fechamento em madeira e vidro e gradil de ferro.

Os pilares, as cimalkas, como aqui utilizam cantaria de pedras que lá também aparecem em outros elementos da arquitetura. Outra diferença em relação ao nosso prédio da Câmara de Mariana é que o palácio dos raios tem como acabamento da alvenaria de sua fachada azulejaria portuguesa. Ambos os prédios são do século XVIII.



Figura 37: Fachada do Palácio dos Raios

Disponível em: <https://www.scmbraga.pt/cimmb-pal%C3%A1cio-do-raio> (acesso em 03 ago. 2019)

Fecharemos as análises comparativas entre construções de Braga e da Câmara de Mariana com a Casa dos Cunha Reis (FIG. 38). A construção setecentista, também conhecida como Casa Grande, possui volumetria e ritmo de aberturas semelhantes ao de Mariana, aqui as sacadas superiores são em arco, em Portugal o prédio tem triângulos neoclássicos. A platibanda tem ao centro um frontão triangular, no nosso caso temos uma torre sineira. O fechamento das aberturas é feito, como aqui, em madeira e vidro.



Figura 38: Casa Grande ou Casa dos Cunha Reis

Fonte: MENDES, Fernando. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73933>> (acesso 03 agosto 2019)

Vimos, nesse estudo, apenas exemplos urbanos, porém, Eduardo Pires, chama a atenção para o fato de haver influências rurais na concepção da Câmara de Mariana. Assunto que futuramente poderemos analisar.

A concepção arquitetônica adotada por José Pereira dos Santos. Em 1762, tem influência das quintas nobres de Portugal, como, por exemplo, as residências rurais de Vila Real, com escadaria externa. A função e o caráter de edifício público são destacados na fachada principal, (...) Essa intenção é evidenciada também pela cartela esculpida sobre o portal da entrada da Câmara, no patamar de chegada da escadaria. A parte mediana da elevação principal é coroada por uma torre sineira, influência das antigas torres de rebate ou de alarme das edificações comunais da Idade Média. A torre sineira incorpora-se ao telhado, com trapeira (CARVALHO; OLIVEIRA, 2012, p. 82).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a cidade de Braga ter mais de 2000 anos de história, as obras arquitetônicas que influenciaram o projeto da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana são do século XVIII, o mesmo da construção do nosso objeto de estudo.

No setecentos, era difícil a circulação de notícias, ideias, modelos, uma vez que não existiam os meios de comunicação avançados como os de hoje, era difícil, encontrar livrarias e a maioria das publicações, vinham de fora, mas como vimos com Eduardo Pires de Oliveira, houve uma expressiva migração de artistas e profissionais ligados à área de “arquitetura”, riscadores, assim como construtores, entalhadores, marceneiros, etc. Oriundos do Minho, região portuguesa onde está localizada a cidade de Braga e que muito possivelmente esses emigrantes, trouxeram em sua bagagem a maioria das informações e memórias.

O prédio da Casa de Câmara e Cadeia de Minas Gerais é uma importante representante da arquitetura governamental das Minas no período colonial, que tem em sua escadaria, o maior elemento arquitetônico de influência bracarense, porém, ao analisarmos outros prédios dessa região, encontramos aqui, muitas semelhanças como em acabamentos, volumetria, ritmos de aberturas, portadas, sacadas e até em usos de brasões.

Ao longo do trabalho, destacamos várias semelhanças, mas, não cópias idênticas, em vários prédios, encontramos vários elementos semelhantes, mas, nunca um que podemos destacar como a construção de Mariana como sendo uma réplica.

Outro fato que chamou atenção, e o de que apesar de ser um prédio para afirmar a importância do poder da metrópole portuguesa sobre a primeira cidade da região das Minas, e se tratar de uma construção que chame atenção dos cidadãos, pela sua localização, por ser um solar e pela beleza, mesmo assim, os prédios localizados em Braga, são mais suntuosos, mais requintados em suas estruturas e elementos arquitetônicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

ANDRADE, Rodrigo Mello franco de. **“Revista do patrimônio histórico e artístico nacional”**. Rio de Janeiro, 1947; 11º ed.

BARRETO, Paulo Thedim. Casas de Câmara e Cadeia. Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 1947.

BAZIN, Germain. **“A Arquitetura religiosa barroca no Brasil”**. Tradução Glória Lúcia Nunes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Record, 1956.

BASTOS, Rodrigo de Almeida. **“O decoro e o urbanismo luso-brasileiro na formação da cidade de Mariana, Minas Gerais, meados do século XVIII”**. In: Revista Barroco. BH, n. 19, p. 274, 275.

CARVALHO, Fernanda Trindade; OLIVEIRA, Benedito Tadeu. In: CASA DE CÂMARA E CADEIA DE MARIANA: a recuperação de um patrimônio / organização Leonardo Barci Castriota. Belo Horizonte: IEDS, 2012.

CASA DE CÂMARA E CADEIA DE MARIANA: a recuperação de um patrimônio / organização Leonardo Barci Castriota. Belo Horizonte: IEDS, 2012.

CAMÉLLO, Roque. **“Mariana: assim nasceram as Minas Gerais: uma visão panorâmica da história”**. Belo Horizonte: Nitro, 2016

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **“Introdução ao Barroco Mineiro”**. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

DANGELO, André Guilherme Dornelles. **“A Cultura Arquitetônica em Minas Gerais e seus Antecedentes em Portugal e na Europa: Arquitetos Mestres-de-Obras e Construtores e o Trânsito de Cultura na Produção da Arquitetura Religiosa nas Minas Gerais Setecentistas”**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

PRIORE, Del Mary, VENÂNCIO, Renato Pinto. **“O Livro de Ouro da História do Brasil: do Descobrimento a Globalização”**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

FONSECA, Cláudia Damasceno. **“O espaço urbano de Mariana: sua formação e suas representações”**. O termo de Mariana, vol.1. Ouro Preto : Imprensa Universitária da UFOP, 2008.

MARX, Murillo. **“Arraiais mineiros: Relendo Sylvio de Vasconcellos”**. In: Revista Barroco. nº 15, p. 391.

MARTINS, Manuela, RIBEIRO, Maria do Carmo, BAPTISTA, José Meireles. **“As termas públicas de Bracara Augusta e o abastecimento de água da cidade romana”**. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/55617685.pdf>>. Acesso em: 03 agosto 2019.

MELLO, Suzzy. **“O barroco mineiro”**. p. 169.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de. **“Minho e Minas Gerais no século XVIII”**. Braga: Gráfica Vilaverdense – Artes Gráficas Ltda, 2016.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **“Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana”**. Brasília, DF : Iphan / Programa Monumenta, 2010.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **“O Aleijadinho e o Santuário de Congonhas”**. Brasília – DF. IPHAN Monumenta, 2006.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. **“A matriz de Santo Antônio em Tiradentes”**. Brasília, DF : Iphan / Programa Monumenta, 2010.

SOUZA, Laura de Mello e. **“Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII”**. RJ: Ed. Graal, 2ª ed., 1986.

SOUZA, Laura de Mello e. **“Opulência e Miséria das Minas Gerais”**. Editora Brasiliense.

TERMO DE MARIANA. **“história e documentação”**. Mariana: Imprensa Universitária UFOP, 1998.

TÔRRES, João Camillo de Oliveira. História de Minas Gerais. Belo Horizonte, Difusão Panamericana do Livro, 1962, v.1.

VENANCIO, Renato Pinto. **“Estrutura do Senado da Câmara”**. O termo de Mariana, vol.1. Ouro Preto : Imprensa Universitária da UFOP, 2008.

SITES

AUTOR, desconhecido. **Detalhe da escadaria do Paço Arquiepiscopal de Braga**. Disponível em: <<http://bragaon.blogspot.com/2012/10/memoria-de-braga-novo-paco.html>> Acesso em: 28 jul. 2019.

AUTOR, desconhecido. **Escadaria da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana**. Disponível em: <<http://www.proximoembarque.com/2014/01/vivendo-a-historia-em-ouro-preto-e-mariana.html>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

AUTOR, desconhecido. **Paço Arquiepiscopal de Braga**. Disponível em:<<http://bragaon.blogspot.com/2012/10/memoria-de-braga-novo-paco.html>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

AUTOR, desconhecido. **Portada da Universidade do Minho**. Disponível em: <<https://porto-north-portugal.com/de/braga-tagesausflug-de.html>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BELMONT, Tiago. **Escadaria do Bom Jesus de Braga**. Disponível em: <<http://trilharemochilar.blogspot.com/2015/10/braga-e-guimaraes.html>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BELMONT, Tiago. **Paço Municipal de Braga.** Disponível em: <<http://trilharemochilar.blogspot.com/2015/10/braga-e-guimaraes.html>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

BELMONT, Tiago. **Portada da reitoria da Universidade do Minho.** Disponível em: <<http://trilharemochilar.blogspot.com/2015/10/braga-e-guimaraes.html>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA. **Museu dos Biscainhos.** Disponível em: <<https://www.cm-braga.pt/pt/0801/conhecer/braga-em-fotos>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

CAMPOS, Ricardo. **Portada da Casa de Câmara e Cadeia.** Disponível em: <<https://viagensinesqueciveis.wordpress.com/2011/11/28/casa-da-camara-e-cadeia-de-mariana-uma-linda-obra/>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

GOUVEIA, Elaine. **Fachada da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos.** Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/06/23/interna_gerais,968867/basilica-do-senhor-bom-jesus-de-matosinhos-e-reaberta-ao-publico.shtml> Acesso em: 03 ago.2019.

MENDES, Fernando. **Casa Grande ou Casa dos Cunha Reis.** Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73933>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

REIS, Lucca. **Praça Minas Gerais, Mariana - MG.** Disponível em: <<http://site.veracruz.edu.br/escola/estudodomeio/minasgerais2016/2016/10/30/praca-minas-gerais-do-passado-ao-presente/>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

RENNE, Monique. **Detalhe da escadaria da igreja de São Francisco de Assis, São João Del Rei.** Disponível em: <<https://guia.melhoresdestinos.com.br/sao-joao-del-rei-205-5804-1.html>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGA. **Fachada do Palácio dos Raios.** Disponível em: <<https://www.scmbraga.pt/cimmb-pal%C3%A1cio-do-raio>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

REVISTAS

CASSIMIRO, Cristiano. José Pereira Arouca: o homem que construiu Mariana. In. *Revista Histórica e Cultural de Mariana*, Mariana: 1-30. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/1812548>>. Acesso em 04 ago. 2019.